

Sarney, senador, vigiará democracia

ARQUIVO

JAQUELINE HELUY
Correspondente

São Luís — “Sarney, prepara-se que às 10h da manhã você assume a Presidência da República”. Com esta frase o ex-presidente José Sarney vai dar o ponto final ao primeiro volume do seu livro de memórias, que será lançado nos próximos meses.

O livro que Sarney está escrevendo será formado por dois volumes. O primeiro, já em fase final, retrata a vida do ex-presidente, desde o dia que nasceu, sua mocidade, as escolas que frequentou, sua vocação literária, campanhas políticas, mandatos e terá como último capítulo o telefonema para sua casa, na madrugada do dia 15 de março de 1985, quando o senador José Fragelli o comunicou que às 10h assumiria a Presidência da República.

Sarney não vê sua candidatura a senador pelo estado do Amapá como uma ameaça para a continuidade de seus livros. Ele explicou que dará atenção agora, mais do que nunca, a duas vertentes que sempre estiveram presentes em sua vida: a política e a literatura, pois acredita que escrever é uma vocação e compulsão: “Eu acho que é nesses momentos em que me dedico à literatura que os meus adversários políticos aproveitam para me passar a rasteira”, argumentou Sarney.

Seus livros, a sua candidatura pelo Amapá e a revolta e amargura que tem sentido em decorrência dos ataques que vem sofrendo por parte dos seus opositores fez parte de uma extensa entrevista dada por Sarney e veiculada ontem pela TV Difusora.

Agora que já tem candidatura praticamente consolidada, Sarney não tem se esquivado com tanto rigor da imprensa, como fez nos últimos meses. Mesmo assim, ainda

reluta em comentar qualquer coisa sobre o governo Collor. Ele considera que não seria ético de sua parte fazer qualquer comentário sobre as atitudes do seu sucessor, explicando que, da forma que não ouviu de qualquer um dos seus antecessores qualquer avaliação sobre o seu governo, acha que também não deve fazer nenhuma avaliação sobre seu sucessor.

O ex-presidente acredita na sua eleição pelo Amapá e já faz planos de como será a sua atuação no Congresso, onde pretende travar uma luta permanente a favor da democracia. Sarney afirma que será um eterno vigilante e que em momento algum deixará que a democracia seja ameaçada: “Eu fui parlamentar durante 26 anos e fui o relator que derrubou o exílio. No Congresso Nacional vou manter essa linha de conciliador,

do homem preocupado com os problemas sociais”, acentuou.

Continuar na política não era pretensão de José Sarney que não queria concorrer mais a cargos eletivos. Sua intenção era voltar ao Maranhão e, dando prestígio ao estado, exercendo a parcela de liderança que ainda acredita deter no País. Essa posição foi totalmente alterada, segundo declarou, depois que “infelizmente alguns fatos políticos ocorreram no Maranhão, os quais me levaram a rever minha posição”.

Sarney disse que resolveu voltar atrás e disputar um mandato porque acha que a sociedade brasileira caminha para um processo de confrontação e que sua presença será fundamental na próxima legislatura, a qual terá uma Assembleia Nacional Constituinte revisora.

Impugnação tem novas ações

Belém — Depois do PL e do PRN, na semana passada, mais dois partidos, o PDS e o PFL, ingressaram ontem no Tribunal Regional Eleitoral (TRE), em Belém, com pedidos de impugnação da candidatura do ex-presidente José Sarney ao Senado pelo PMDB do Amapá.

Desta vez, além dos argumentos que constam das outras impugnações, o PDS alega que Sarney não é filiado ao PMDB do Amapá, e sim ao do Maranhão. E anexa uma certidão do escrivão eleitoral da 2ª Zona, de Macapá, afirmando que não existe, naquele cartório, nenhuma anotação referente à filiação partidária do eleitor José Sarney. O TRE deve julgar os pedidos nos próximos dias.

MÁGOA

O fato de ter sido impedido

pelos seus agressores de ser candidato pelo Maranhão deixou o ex-presidente muito chocado, principalmente porque testemunhou ataques diários que lhes são desferidos pelos opositores. Sarney acusa os inimigos de não terem o menor respeito pela figura do ex-presidente e desabafa: “eles fizeram um complô subalterno para me impedir de ser candidato pela minha terra, onde já fui candidato oito vezes e onde tenho o apoio e o respeito da população”.

Ele entende que quem foi presidente da República pode ser candidato por qualquer estado. Se considera um político nacional e disposto a colocar sua experiência a serviço do País. Portanto, tem justificativa ele disputar pelo pequeno Amapá, ora entrando na sua fase mais importante de formação econômica como estado federado.